



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA  
LICENCIATURA EM LÍNGUA INGLESA

JOSÉ CLEDERSON DA SILVA RODRIGUES

O TRIVIAL E O CANÔNICO EM “AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO” DE GEORGE  
R.R. MARTIN: UMA AVERIGUAÇÃO DE POTENCIAL CANÔNICO

CAMPINA GRANDE/PB

2018

JOSÉ CLEDERSON DA SILVA RODRIGUES

O TRIVIAL E O CANÔNICO EM “AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO” DE GEORGE  
R.R. MARTIN: UMA AVERIGUAÇÃO DE POTENCIAL CANÔNICO

Trabalho submetido à banca de defesa,  
do curso de licenciatura em Língua  
Inglesa da Universidade Estadual da  
Paraíba, como exigência para obtenção  
do título de Licenciatura Plena em Letras -  
Língua Inglesa.

Orientador: Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha

CAMPINA GRANDE/PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R696t Rodrigues, José Cledeerson da Silva.  
O trivial e o canônico em "As crônicas de gelo e fogo" de George R. R. Martin [manuscrito] : uma averiguação de potencial canônico / Jose Cledeerson da Silva Rodrigues. - 2018.  
53 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2018.  
"Orientação : Prof. Dr. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha , Coordenação do Curso de Letras Inglês - CEDUC."  
1. Cãnone literário. 2. Instâncias canônicas. 3. Narrativa trivial. 4. Potencial canônico. 5. Análise literária. I. Título  
21. ed. CDD 801.95

JOSÉ CLEDERSON DA SILVA RODRIGUES

O TRIVIAL E O CANÔNICO EM "AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO" DE  
GEORGE R.R. MARTIN: UMA AVERIGUAÇÃO DE POTENCIAL CANÔNICO

Trabalho submetido à banca de  
defesa, do curso de licenciatura em  
Língua Inglesa da Universidade  
Estadual da Paraíba, como  
exigência para obtenção do título de  
Licenciatura Plena em Letras -  
Língua Inglesa.

Orientador: Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha

Monografia aprovada em: 28 / 11 / 2018 para obtenção do título de  
Licenciatura Plena em Letras - Língua Inglesa.

BANCA EXAMINADORA

<u>Thiago Rodrigo de Almeida Cunha</u>	10,0
Prof. Mestre Thiago Rodrigo de Almeida Cunha (Orientador – Titular – Presidente da banca)	
<u>Valécio Irineu Barros</u>	10,0
Prof. Mestre Valécio Irineu Barros (Examinador interno- Titular)	
<u>Iá Maria Belo Maia</u>	10,0
Profa. Mestra Iá Maria Belo Maia (Examinador interto – Titular)	

“Um leitor vive mil vidas antes de morrer. O homem que nunca lê vive apenas uma”

**George R. R. Martin**

“Podemos ler só para passar o tempo ou movidos por uma necessidade declarada,  
mas chegará o momento em que iremos ler lutando contra o tempo”.

**Harold Bloom**

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho de pesquisa teve fundamental importância em minha construção pessoal como leitor e pesquisador de literatura, marcando assim o encerramento de um importante ciclo no qual me vejo enriquecido como indivíduo. Sou imensamente grato a todo corpo docente do departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba com o qual tive contato nessa caminhada. E agradeço, em especial, a:

- Meus queridos pais **Maria Luciana Rodrigues e Gilberto de Souza Rodrigues** por terem me dado suporte, para que eu pudesse seguir com essa caminhada até a sua conclusão;
- **Valécio Irineu Barro** estimado professor de Literatura Inglesa e Norteamericana a quem sempre admirei e o primeiro a me orientar acerca das questões canônicas desta pesquisa;
- **Edson Tavares Costa** solícito professor e referência quanto aos estudos canônicos na Universidade Estadual da Paraíba que gentilmente me cedeu uma cópia de sua tese “O caso Condé”, a qual é um dos pilares dessa pesquisa;
- **Thiago Rodrigo de Almeida** meu caro orientador que mesmo antes de me auxiliar na escrita deste trabalho já demonstrava interesse pela pesquisa em questão, sugerindo importantes direcionamentos. Além de ter-me apresentado à narrativa trivial, que possibilitou a elaboração do segundo pilar da pesquisa;
- **Isis Santos** pelo indescritível carinho de ter passado horas madrugadas adentro me auxiliando na revisão deste trabalho, estando ao meu lado e me incentivando durante todo o processo de escrita em que culminou a pesquisa que aqui se apresenta.

## RESUMO

Este trabalho consiste numa averiguação de potencial canônico em uma obra literária contemporânea do gênero fantasia épica de autoria do escritor Norteamericano George R. R. Martin. Singularizamos a análise, refletindo sobre quais aspectos podem, ou não, lhe atribuir potencial canônico. A pesquisa aqui apresentada justifica-se pela popularidade e atenção que a obra vem tendo nos últimos anos, na qual buscamos examinar tanto os eventos que se desenvolvem em seu enredo quanto a repercussão que o romance teve após a publicação de seus volumes. Para alcançar tais objetivos, extraímos trechos do romance visando mostrar as similaridades e divergências com as narrativas triviais; além disso com auxílio da internet, checar quais instâncias canônicas têm reagido à obra. Sendo esta uma pesquisa de base bibliográfica (GIL, 2007), teoricamente refletimos acerca da narrativa trivial, proposta por Kothe (1994), que trata da estrutura das narrativas consideradas pouco complexas; por outro lado, Costa (2013) nos apresenta as instâncias canônicas que sedimentam a discussão que pode propiciar potencial canônico às obras. Estes autores serviram de subsídios para que pudéssemos nos nortear quanto ao valor das obras no meio literário e nos mostraram que, devido ao distanciamento que o romance *As crônicas de gelo e fogo* tem da estrutura comum às narrativas triviais mais a influência das instâncias canônicas, pudemos perceber potencial canônico no mesmo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cânone literário, George R. R. Martin, Instâncias Canônicas, Narrativa Trivial, Potencial canônico.

## ABSTRACT

This academic work consists of a research of the canonical potential in the contemporary epic fantasy written by George R. R. Martin. We have focused the analysis on which aspects might, or not, attribute canonic potential to Martin's work. The research here presented is motivated by the popularity and attention that his literary work has had in the last years, in which we both try to examine the events that are developed in its plot, and the repercussion after the publication of the novel volumes. In order to reach our goal, we extracted excerpts from the novel to show similarities and differences in relation to trivial narratives; moreover with the aid of internet we checked which canonical instances have reacted to this literary work. Being this a bibliographic research (GIL, 2007), the theoretical reflection is based on Kothe's (1994) Trivial Narrative that concerns the structure of low complexity tales; on the other hand Costa (2013) introduced us to the Canonical instances which sediment the discussion that might attribute canonical potential to literary works. These authors acted as guides for us about the value attributed to literary works and showed us that due to the distance which the novel *A Song of Ice and Fire* has from the structure in common trivial narratives together with the influence of canonical instances, we could perceive canonical potential in it.

**KEYWORDS:** Literary canon, George R. R. Martin, Canonical Instances, Trivial Narrative, Canonical potential.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO 1 – O CÂNONE E O TRIVIAL NA LITERATURA .....	12
1.1 O cânone na Literatura.....	12
1.2 Instâncias canônicas.....	14
1.3 O trivial na Literatura.....	20
CAPÍTULO 2 – UMA AVERIGUAÇÃO DE POTENCIAL CANÔNICO.....	23
2.1 Os limites da trivialidade nas <i>Crônicas de gelo e fogo</i> .....	23
2.2 Instâncias canônicas e <i>As crônicas de gelo e fogo</i> .....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	38
REFERÊNCIAS .....	41
ANEXOS.....	44

## INTRODUÇÃO

Muito se discute acerca do valor atribuído às produções literárias que estão em evidência na mídia em contraste com aquelas estudadas nas universidades, uma vez que as pessoas tendem a julgar as obras como boas ou ruins tendo como ponto de vista apenas seu gosto pessoal. Aqui buscamos estabelecer parâmetros, não de boa ou má literatura, mas de valor literário ao analisar o canônico e o trivial nos volumes que compõem o romance *As crônicas de gelo e fogo*.

O que hoje conhecemos por Literatura vem sendo produzido desde tempos imemoriais, inicialmente de forma oral, passando à escrita a punho e posteriormente à forma impressa, modo ao qual estamos habituados desde o advento da invenção da imprensa no Século XV. Atualmente os formatos digitais vêm tomando maior espaço e facilitando, de certo modo, o acesso à Literatura por uma gama maior de pessoas.

Tendo em vista que tamanha produção vem se acumulando no decorrer dos séculos, principalmente após a era digital, e tem propiciado enorme facilidade para a escrita e publicação ao redor do mundo, isso fez com que este número crescesse cada vez mais, de modo que em 2010 havia mais de 129 milhões de livros escritos no mundo (LUZ, 2010), dos quais boa parte são livros de literatura. Assim, se quisermos ler o que se considera melhor, peculiar e singular na literatura, precisamos escolher dentre os títulos existentes neste vasto número.

Tendo essa escolha como premissa já sido discutida por influentes críticos literários como Harald Bloom e Leyla Perrone-Moisés, isso vem se mostrar como algo a ser considerado, tendo em vista que, com nosso tempo de vida humana, mal conseguiríamos ler o que foi denominado por Bloom (2001) como Cânone ocidental. Essa sendo uma das mais discutidas listas canônicas, devido a ausência de diversos escritores/obras, inclusive as de língua portuguesa. Mas que de modo geral exemplifica o caráter seletivo do que conhecemos como Cânone literário<sup>1</sup>.

Deste modo, o trabalho que aqui se apresenta tem como objetivo geral averiguar a presença ou ausência de potencial canônico no romance *As crônicas de gelo e fogo*, do escritor Norte-americano George R. R. Martin, composto até o

---

<sup>1</sup> As listas de obras e autores que são considerados pelos críticos relevantes para a Literatura.

presente momento por cinco volumes lançados, dentre os sete <sup>2</sup> previstos para a conclusão da obra.

Para alcançar nosso objetivo geral temos dois objetivos específicos que consistem em explicar o que vem a ser a Narrativa trivial e as Instâncias canônicas que nos dão suporte para analisar o romance intrinsecamente, ao relatar similaridades e divergências com a narrativa trivial, e extrinsecamente, ao averiguar se/e quais instâncias canônicas têm reagido à obra.

Por questões didáticas, ao analisar o romance intrinsecamente, fizemos uso dos volumes *A guerra dos tronos* e *A tormenta das espadas*, pois estes já apresentam os aspectos necessários para nossa análise. Para fins de averiguação acerca das instâncias canônicas que se relacionam com a obra, levamos em consideração os cinco volumes lançados até o presente momento, que perfazem cerca de cinco mil páginas.

A pesquisa que aqui se apresenta surge devido à popularidade do romance que já vendeu milhões de cópias ao redor do mundo e tem sido adaptado para outros formatos e mídias. Por tal repercussão, buscamos averiguar se o romance em questão possui de fato característico que venham a solidificar seu nome no meio literário ou trata-se apenas de mais um *best-seller* de sucesso passageiro.

Os temas aqui abordados se fazem relevantes para a área de Letras, pois nos norteiam com relação a questionamentos que naturalmente surgem no decorrer de nossa vida acadêmico-leitora, como, por exemplo, o porquê de estudarmos determinadas obras na academia e outras não; bem como para podermos enxergar as obras literárias de forma crítica com bases teóricas, tendo uma visão além do gosto pessoal.

A pesquisa que aqui apresentamos se faz também relevante para a academia, pois, embora tenhamos encontrado diversos artigos e capítulos de livros que abordem *As crônicas de gelo e fogo* sobre diferentes perspectivas, a exemplo de análises psicológicas, filosóficas, culinárias, étnicas, dentre outras. No entanto, nenhum analisa o potencial canônico da obra.

Assim, os fatores motivadores que levaram ao desenvolvimento desta pesquisa foi o fato de haver lido, e gostado, dos cinco livros publicados da obra até

---

<sup>2</sup>A Guerra dos tronos (1996), A fúria dos reis (1998), A tormenta das espadas (2000), O festim dos corvos (2005), A dança dos dragões (2011), Os ventos do inverno (a publicar), Um sonho de primavera (a publicar).

então, ver toda a repercussão que o romance vem tendo nos últimos anos e buscar constatar se este realmente possui algum valor literário para além de meu mero gosto pessoal como leitor. Eis a resposta que pretendemos obter ao término desse trabalho acadêmico.

Para tal, refletimos com Costa (2013) que nos disserta acerca das **Instâncias canônicas**, os elementos, pessoas e instituições que podem colaborar para a formação dos cânones; por outro lado, Kothe (1994) nos apresenta o que chama de **Narrativa trivial**, sendo uma antítese das obras literárias institucionalizadas como canônicas, pois os escritos triviais se referem as narrativas de menor complexidade que, segundo a crítica, pouco tem a agregar à Literatura.

A pesquisa possui base bibliográfica (GIL, 2007) e é dividida em dois capítulos. No primeiro capítulo, dissertamos sobre o cânone na literatura de modo geral, seu conceito e história; falamos também quais são as Instâncias canônicas apontadas por Costa (2013) e apresentamos a Narrativa trivial discutida por Kothe (1994). No segundo capítulo estudamos o texto do romance, propriamente, analisando trechos em busca de similaridades e divergências em relação à Narrativa trivial; e averiguamos a obra extrinsecamente, tendo como ferramenta a internet, ao relatar se/e quais instâncias canônicas tem reagido ao romance de George R. R. Martin.

## 1. O CÂNONE E O TRIVIAL NA LITERATURA

### 1.1 O Cânone na Literatura

O cânone literário tem necessariamente um carácter seletivo que, em consequência, implica na ascensão de uns e no expurgo de outros. No entanto, essa seleção não precisa ser constituída de uma única lista canônica, excluindo as demais, como a lista canônica elaborada pelo crítico americano Harold Bloom (1996). Escritos que possuem determinadas características canônicas, embora não configurem o cânone ocidental ao lado de Shakespeare, Milton, Dante e Cervantes, também merecem reconhecimento mesmo que em menor escala; a exemplo da existência de além do cânone ocidental, cânones nacionais e cânones por período histórico: colonial, imperial, republicano etc.

Desse modo, antes de entrarmos propriamente em questões canônicas na literatura, saibamos que o cânone literário é, de certo modo, volátil. Poucos são os escritores que possuem uma estabilidade concretizada dentro do alto cânone literário como os já citados, Shakespeare, Milton, Dante e Cervantes.

Perrone-Moisés (1998), nos apresenta casos dessa volatilidade abordando exemplos de confirmação, mas também de entradas e saídas do cânone. Sendo um caso de confirmação canônica, Dante Alighieri; um retorno ao cânone, John Donne; um caso de reconhecimento, Sthéphane Mallarmé; e um caso de consagração imediata, James Joyce.

Voltando à questão da seletividade canônica, ela se manifesta através de listas de autores e obras julgadas, por quem tem autoridade para tal, dignos de destaque e perpetuação para o futuro e assim, para futuros leitores.

Podemos observar relatos de listagens canônicas mesmo antes de Cristo, com “Aristófanes de Bizâncio (257 a.C – 180 a.C.) e Aristarco de Samotrácia (217 - 131 a. C.)” que “coordenaram uma equipe de gramáticos que produziu uma lista de autores gregos, modelar para a imitação dos diversos gêneros épicos.” (COSTA, 2013, p. 194). Além de, já depois de Cristo,

Filão de Biblos [gramático que viveu entre 64 e 141 d.C.], recomendava uma lista de textos em seu tratado especializado *Sobre a aquisição e*

*seleção de livros*, que ocupava 12 rolos de papiro. [...] Na época helenística [323 a.C. a 146 a.C.] era imprescindível ler as sete peças consagradas de Sófocles [*Ajax, Antígona, As Traquíneas, Édipo Rei, Electra, Filoctetes e Édipo em Colona*], em detrimento de outras centenas escritas por ele [...]. Os bibliotecários de Alexandria [...] costumavam fazer “seleções” [...], autores como Homero e Hesíodo estavam à frente em todas as listas de poetas épicos. [...] Os poetas líricos eram nove: Píndaro, Baquilides, Safo, Anacreonte, Estesícoro, Simônides, Íbico, Alceu e Alcmano. (COSTA, 2013, p.190 apud BÁEZ, 2006, p. 112).

Portanto, listas canônicas de escritos que mereciam destaque, perpetuação e aquisição das mesmas têm sido elaboradas bem antes do termo **cânone** existir e/ou ter a conotação que tem hoje em dia. “A palavra cânone vem do grego *Kanón*, através do latim *canon*, e significava “regra” (PERRONE-MOISÉS, 1998, p.61). Termo adotado inicialmente pela Igreja para, além de outras cinco funções<sup>3</sup> (COSTA, 2013, p.190), designar a “lista de santos reconhecidos pela autoridade papal” (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 61).

Posteriormente, o termo cânone foi tomado por empréstimo da Igreja e vem sendo usado na literatura para denominar o que se conhece por Cânone Literário, ou seja, “o conjunto de autores literários reconhecidos como mestres da tradição.” (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 61). Sendo assim, os “autores e obras cristalizadas no imaginário, nas bibliotecas, nos estudos, nas discussões e (quicá!) nas leituras” (COSTA, 2013, p. 20), resultantes de uma escolha “[...] entre textos que lutam uns com os outros pela sobrevivência” (BLOOM, 1995, p. 27). Escolha essa que não ocorre de modo aleatório, mas motivado por instâncias manifestas após a publicação das narrativas. Acerca desse ponto, Costa (2013, p. 25) nos alerta que, “não é possível identificar a importância de uma obra ou autor, num determinado período ou ao longo da história, tendo como referencial somente o texto” é preciso que haja aceitação por parte de grupos dominantes como, por exemplo, a crítica e as instituições.

Portanto, o cânone desempenha a função de destacar as narrativas que se sobrepõem às demais, uma vez que há uma gama de escritos literários espalhados pelo mundo que vêm sendo escritos desde a Antiguidade. Assim, mesmo que se defenda a descentralização e flexibilização do cânone, no qual, as obras dignas de

---

<sup>3</sup> “Parte central da missa católica”, “preceito de direito eclesiástico”, “decisão de concílio da religião”, “a forma de orações”, e “lista de livros considerados como inspirados, por israelitas católicos e protestantes – aceitação que se opõe a texto apócrifo”.

lembança, não ocupem necessariamente panteões formados por grandes críticos como Harold Bloom, Erza Pound e T. S. Eliot (uma vez que há mesmo entre eles divergências), podem ser formados outros cânones tendo princípios semelhantes.

Tendo em mente a premissa canônica lembrada por Bloom (1995, p. 23) de que “quem lê tem de escolher, pois não há, literalmente, tempo suficiente para ler tudo, mesmo que não se faça mais nada, além disso,”, compreendemos a necessidade da seleção, visando à formação de cânones.

De modo a ilustrar tal necessidade, pensemos que se quisermos conhecer ou estudar a literatura americana, brasileira ou russa, teremos norteamentos de por onde seguir, ao invés de almejar, de modo aleatório, ler toda a literatura produzida naqueles países. Tendo em mente que não temos como sequer ler a maioria das obras já produzidas que configuram o rol canônico de críticos influentes, quem dirá acompanhar o ritmo de produção atual da literatura que vem sendo somado à produção dos séculos passados. Daí que o cânone, através das instâncias canônicas (que trataremos adiante), se faz crucial na ascensão de poucos, na manutenção dos já canônicos, bem como no sepultamento de muitos escritores e escritos contemporâneos que apenas reproduzem narrativas triviais.

Assim, enfatizamos que o processo de canonização das obras não ocorre de modo aleatório, tão pouco feita por qualquer um e menos ainda feita tendo em vista apenas um elemento. Mas de “uma discussão crítica ampla, a médio e longo prazo, que vai aos poucos se sedimentando através daquelas que denominamos instâncias canônicas” (COSTA, 2013, p. 199), propiciando status canônico às obras, podendo a partir destas formar o(s) cânone(s) literário(s).

## 1.2 INSTÂNCIAS CANÔNICAS

Nesta seção refletiremos sobre os fatores que podem atribuir potencial canônico às obra literárias, a depender de como estes reagem às narrativas. Costa (2013, p. 223) nos apresenta esses fatores como Instâncias canônicas: “definidas, a princípio, como as pessoas e instituições que participam, contribuem, influenciam na elaboração e preservação dessa listagem de autores e obras”.

A fim de apresentar as instâncias propostas por Costa (2013) abordaremos cada uma de modo isolado, embora devam reagir simultaneamente às obras literárias para lhes atribuir potencial canônico.

São elas, a **Crítica**: acoplando a crítica jornalística e a crítica acadêmica; a **Mídia**: onde destacamos a mídia editorial e a mídia jornalística; as **Instituições**: sejam escolares ou de ensino superior; a **Projeção**: as academias de Letras e similares, os prêmios literários recebidos, como também adaptações.

A **crítica** nos aparece como a instância canônica de maior peso na formação dos cânones, pois são os críticos, os responsáveis por propagar julgamentos e por vezes as próprias listas canônicas. A exemplo de Harold Bloom em *O cânone ocidental* (1995) ou escritores-críticos modernos, como Pound, Eliot, Borges, dentre outros, apontados por Perrone-Moisés (1998).

Uma vez que possuem status para tal, tendem a ser levados em consideração. Atuando, portanto, na função de julgar as narrativas assumindo o papel que a origem da palavra sugere, “crítica implica julgamento (*krinein* = julgar).” (PERRONE-MOISÉS, 2003, p. 9).

Dentro daquilo que é denominado Crítica, podemos observar dois segmentos: a crítica acadêmica e a crítica jornalística. Possuindo, aparentemente, a mesma função de criar uma espécie de cânone naquela perspectiva de livros que não podemos morrer sem ler, que se faz de certo modo necessário. Destinados a essa função de indicar leituras

há os críticos acadêmicos, voltados para minúcias teóricas e análises profundas das obras, com pouco ou nenhuma probabilidade de sequer chegar ao grande público, e, se acaso isso acontecer, pouco se fazendo entender, e há os críticos de jornais e revistas, com uma linguagem mais superficial, fazendo-se entendidos pelo público leitor, mas com lamentáveis lacunas teóricas em suas pseudoanálises (COSTA, 2013, p. 197).

Ainda Costa (2013, p.230) denomina como Acadêmica “a crítica composta por estudiosos de literatura, que publicam e fazem circular suas opiniões em livros e revistas especializadas”; e entendemos como crítica jornalística, a crítica que aparece nos jornais e revistas (não propriamente especializadas), compostas por jornalistas que não são, de fato, estudiosos de literatura. Mas que passam suas



impressões acerca de determinadas obras literárias ao leitor comum de forma mais simplificada e, digamos, superficial.

Havemos de salientar que, mesmo com certas lacunas teóricas, o ponto positivo da crítica jornalística é justamente o número de leitores que são atingidos e expostos aos julgamentos por ela feitos. O que promove, de certo modo, um dos fatores que ajudam no processo de canonização, como a lembrança das obras que pode ocasionar o consumo (e leitura) dos livros pelo público leitor.

Voltemos agora nossa atenção para a instância canônica, responsável por propagar os escritos, fazendo os mesmos chegarem tanto aos ouvidos da crítica, quanto aos olhos e mãos do público leitor, a **Mídia**.

O termo Mídia é oriundo “do latim **médium**, que significa “meio”, a palavra **mídia** foi aproveitada da expressão “mass media”, um termo técnico de propaganda, surgido na década de 1920”. “Media” é o plural de “médium”, significando, portanto, “meios de comunicação” (COSTA, 2013, p. 237).

A mídia vem sendo usada como instrumento para difundir escritores em trabalho conjunto com a crítica. De modo que os críticos, principalmente jornalísticos, fazem uso dos meios de comunicação para expor suas preferências e repúdios. Assim,

os elementos midiáticos são tanto absorvidos para a confecção da obra literária quanto aproveitados para sua divulgação, venda e, conseqüentemente, formação do cânone. A mídia tem sido largamente utilizada na elaboração desse panteão sagrado de autores e obras, essenciais para leitura e estudo, por parte dos leitores (COSTA, 2013, p. 238).

A presença do nome de um escritor na mídia é de grande valia, uma vez que a mídia tem “a capacidade [...] de estabelecer, manter e propagar essa lista de *escritores e livros* indispensáveis” (COSTA, 2013, p. 238), propiciando e/ou mantendo o cânone. Para tal, mídia se relaciona com autores e obras em três esferas que se correlacionam, são elas, a mídia editorial, a mídia jornalística e os eventos literários.

A **mídia editorial** é a grande responsável e interessada por lançar no mercado livros que tenham bom potencial de vendas, contribuindo, de certo modo,

para a canonização, pois a mídia editorial tem o poder de alavancar os nomes dos escritores e escritos mantendo-os em evidência ao público. De modo que,

Para a garantia de venda de seu produto, [...] o mercado editorial precisa, antes, *vender* a necessidade que seu produto representa para o futuro comprador. Para isso, fazem-se necessários investimentos arrojados e técnicas ousadas para expor o livro às vistas e ao desejo do leitor. O uso sistemático dos meios de comunicação, para divulgar notas sobre os autores e as obras, tornando-os presentes todo o tempo na memória dos consumidores (COSTA, 2013, p. 241).

E para vender os livros, além das estratégias citadas, a mídia editorial toma como suporte a crítica, ao fazer uso das escolhas e julgamentos da mesma para impulsionar a venda dos volumes. Assim,

essas estratégias de expor autores e obras o mais possível, visando à venda dessa mercadoria e o sucesso empresarial, trazem, em consequência, e de forma imbricada, a criação de certo *cânone*, de obras que se estabelecem na memória, na consciência dos leitores (Costa, 2013, p. 243).

O auge da mídia editorial se manifesta nos **eventos literários**, espaços de grande importância para a literatura de modo geral, pois expõem autores e livros ao público, resultantes da ação da crítica.

Os eventos literários além de homenagear escritores, trazendo seus nomes e obras à tona, ao evidenciar lançamentos de livros; preservar na memória das pessoas as obras de autores falecidos. Os eventos literários são fortes elementos midiáticos, que podem gerar aos escritos e seus autores certo status canônico, uma vez que,

A presença dos escritores nesses eventos, a depender das circunstâncias que a geraram, podem significar uma referência canônica mais ou menos nítida. Desta forma, se o autor foi convidado pelos organizadores do festival, se compareceu como uma *gentileza* de sua editora, se terá livro lançado no evento, se ministrará conferência ou minicurso; ou se veio por conta própria com uma caixa de exemplares debaixo do braço, procurando abrir espaço nesse mercado tão concorrido, abordando diretamente o público e oferecendo-lhe seu produto – são elementos que podem indicar sua posição no cânone literário e sua importância no atual cenário literário nacional (COSTA, 2013, p.253)

Eventos desse tipo são “uma exposição desejada por todos, tanto os já consagrados quanto os estreantes e emergentes, embora não tragam em si a capacidade de *canonizar* determinados autores; como vitrine, o festival apenas expõe o que, de alguma forma, já se encontra em evidência”. (COSTA, 2013, p. 255), ou seja, resultantes de outras instâncias como a crítica.

Com relação à **Mídia jornalística**, Costa (2013, p. 248) nos diz que é de “importância considerável a divulgação de obras literárias em jornais, aliás, a parceria entre o jornalismo e a literatura sempre rendeu bons frutos para ambas as atividades.”, pois os jornais podem ganhar lucro ao abrir espaço para a divulgação de obras literárias seja por requisição do próprio autor ou por parte das grandes editoras.

Essa união da literatura com a mídia jornalística é um fato que ocorre desde as décadas de meados do Século XX quando “as páginas dos periódicos funcionavam como espaço para publicação tanto do próprio texto literário, sob a forma de folhetim, com posterior publicação em livros, como de notas acerca das obras, quando editadas.” (COSTA, 2013, p. 248). Atualmente a relação existente entre a literatura e os jornais consiste em notas acerca do lançamento de um livro de algum autor ou quando um autor disponibiliza em algum jornal online trechos de seu novo livro. O que fomenta o nome do autor mantendo-o em evidência propiciando visibilidade.

A terceira das quatro Instâncias que pretendemos abordar nessa seção são as **Instituições de ensino**. As quais enxergamos “enquanto agrupamento de discursos teóricos, que por essa condição de poder, adquirem certa autoridade de definir os autores e obras que poderão compor o cânone nacional” (COSTA, 2013, p. 257). Atuando principalmente na manutenção do cânone, pois “há muitas obras que pertencem ao cânone, tornam-se leitura obrigatória nas escolas e faculdades, são lidas por milhões de pessoas, geração após geração, mas que, se não fosse leitura obrigatória por convirem à ideologia que enforma a estrutura do cânone, não seriam lidas senão por alguns historiadores.”. (KOTHE, 1994, p. 230)

As Instituições de ensino podem ser divididas em duas categorias: as instituições escolares, compostas por escolas públicas e privadas; e as instituições de ensino superior, lideradas por professores orientadores e pesquisadores os quais

terminam fomentando o cânone literário por serem os responsáveis por movimentar os estudos acerca de determinadas narrativas, publicando artigos em congressos, colóquios; trabalhando na organização de livros que tragam artigos sobre os autores que vêm sendo estudados em seus departamentos e assim fazendo circular os nomes e títulos que vêm tendo atenção da academia.

Com relação ao papel de cada tipo de instituição. Costa (2013, p. 257) nos diz que as instituições escolares são as responsáveis por escolher “os livros cujos textos julgam pertinentes para contribuir na velada função institucional de condicionar a formação dos estudantes ao adotar determinados livros, autores, antologias”, propagando o cânone aos novos leitores durante a vida escolar. Já as universidades, promovem o cânone de modo que “elegem, de acordo com a linha de pesquisa de seus membros, determinados teóricos e autores”. Assim, ambas atuam como agentes canonizadores dos nomes e títulos predeterminados pela crítica.

Por fim, falemos da **Projeção**, a instância canônica responsável por perpetuar escritores e obras. A projeção de autor e obra pode ocorrer através da presença do escritor em academias de letras ou entidades do gênero, dos prêmios literários recebidos e também através da imortalidade midiática através da adaptação de sua obra para outros formatos como séries, filmes, etc.

A presença de um autor em uma academia de Letras é “um evidente espaço de visibilidade literária, portanto de canonização” (COSTA, 2013, p. 260), desde que este não seja esquecido pela crítica, mídia, e pelo público leitor, com o passar dos anos, daí a simples presença em uma academia pode não significar muito; uma vez que é preciso que os escritores, principalmente os contemporâneos (e vivos), cultivem seus nomes de outras maneiras como, por exemplo, conseguir que seus escritos sejam adaptados para a tela dos cinemas ou a produção de seriados que atinja milhões de telespectadores que venham posteriormente a se interessar pelos livros que originaram a obra televisiva, promovendo verdadeira imortalidade de suas narrativas.

Os prêmios que os autores possam vir a receber, por determinadas entidades, agem como reconhecimento, “incentivo e divulgação da obra do autor, além de uma contribuição financeira não desprezível, a depender, obviamente do calibre da instituição que o oferece” (COSTA, 2013, p. 261). O maior e provavelmente mais conhecido prêmio de Literatura é o prêmio Nobel, embora,

também existam outros prêmios que atuam em gêneros específicos, como por exemplo, a Fantasia. Sejam prêmios em maior ou menor escala, eles

satisfazem o ego do escritor e o inscreve, de certa maneira, num rol que pode se configurar como instância canônica, uma vez que a honraria é sempre citada quando a obra é apresentada, pois agrega um valor ao produto – o prêmio é o registro, a constatação de que aquela obra destaca-se das demais pelas suas qualidades literárias (COSTA, 2013, p. 263).

De modo que projeta o nome do autor ao público com certa credibilidade. Na qual o leitor pode se interessar em adquirir a obra pelo fato desta ter sido considerada a melhor dentre tantas outras, assim promovendo a perpetuação do nome do autor, trazendo consigo certo status canônico, agindo como um importante fator para a construção canônica de um autor/obra.

### 1.3 O TRIVIAL NA LITERATURA

Há narrativas que se destacam das demais por possuírem certa estranheza, inovação ou que se façam necessárias para a construção de um indivíduo como leitor. Por outro lado, há também aquelas narrativas classificadas como triviais. Estas são caracterizadas por possuir a repetição de uma **estrutura profunda** em comum.

A estrutura profunda da Narrativa trivial constitui seu enredo da luta do bem contra o mal, na qual o bem triunfa e o mal perece; suas personagens não possuem relatividade de caráter; e o seu enredo se desenvolve levando a um final previsível. A narrativa trivial é apresentada de modo que não se permite dúvida sobre o carácter das personagens, o papel que irão desempenhar, bem como o resultado a se atingir na narrativa, de modo que

O bandido é bandido; o mocinho é mocinho; o mau é mau; o bom é bom; quem ama, ama; quem não ama, não ama; quem está predestinado, cumpre seu destino; quem não está predestinado não cumpre seu destino; quem está condenado, acaba condenado; quem deve ser premiado, acaba sendo premiado e assim por diante. cada um demonstra que é o que é, e ele é o que supunha que fosse. As suas características mais profundas aparecem de modo claro, evidente e estereotipado desde o começo. (KOTHE, 1994, p.57)

O escrito trivial também se caracteriza por não possuir grandes reviravoltas como a morte do “mocinho”. Tudo se confirma ser o que aparentava ser, mesmo que por vezes a narrativa tente confundir o leitor, o esperado se confirma, para Kothe (1994, p.58) “a redundância é a lei básica da narrativa trivial”.

O escrito trivial mesmo com a repetição de sua estrutura profunda, pode ter diversas temáticas em suas narrativas, tais quais a “história de aventuras”, a “novela sentimental”, a “ficção científica”, e a “novela de detetive”, são tidos como subgêneros da narrativa trivial, caracterizando a **estrutura de superfície**, as quais através de diferentes roupagens repetem a estrutura profunda característica do trivial.

Assim, através de temas aparentemente distintos, o bem e o mal se contrapõem, tendo como resultado a aniquilação do mal que ocorre no confronto do “mocinho” contra o “vilão”. Nesse tipo de narrativa há dois agentes principais que atuam no decorrer da história, o “bandido” e o “mocinho” seja qual for o ambiente no qual estejam situados, se no faroeste, em um caso de detetive ou uma aventura “A história transcorre no esquema de uma situação considerada positiva, cuja normalidade é rompida pela intervenção do agente do mal” (KOTHE, 1994, p. 25) e o bem precisa agir para sobrepor o mal e triunfar sobre ele, caracterizando o fato de que “a narrativa trivial opera elementos religiosos, a luta do bem com o mal.” (KOTHE, 1994, p.26), seja qual for a estrutura de superfície (tema) que isso ocorra.

Notadamente, a narrativa trivial trata-se de um tipo de narrativa repetitiva, na qual o leitor já sabe a que fim a história vai levar, esperando apenas a constatação da mesma. De modo que, ao nos referirmos sobre trivial desse modo, parece-nos um tipo de escrito bastante bobo, o qual pouco pode interessar. Todavia, ao lermos as histórias do aclamado detetive Sherlock Holmes de Conan Doyle, embora já saibamos que o detetive irá solucionar o caso de um modo ou de outro, lemos seus casos ávidos por saber como ele desvendará o mistério que envolve o crime.

As narrativas triviais por se tratarem de escritos fáceis de serem lidos e, muitas vezes, com histórias que caem no gosto do público leitor, acabam por se tornar Literatura de massa. Para Kothe (1994, p.20) “a narrativa trivial massifica-se porque a sua estrutura simplória [...] corresponde à natureza da televisão que se tornou o veículo dominante da narrativa”. Kothe (1994, p.87) ainda nos alerta que “O conceito de “literatura de massa” dá-se em função do público receptor, enquanto que o de “narrativa trivial” se dá em termos de estruturação do texto” de modo a não confundirmos um com o outro.

Pois “Não se pode mais reduzir a literatura de massas à narrativa e a narrativa de massas apenas à trivialidade, ainda que em geral ocorra certa coincidência entre massificação e trivialização” (KOTHE, 1994, p.103) pode ocorrer a massificação de determinadas narrativas, que embora possuam traços de trivialidade não se enquadrem necessariamente como tal, como, por exemplo, alguns *best-sellers*, que embora vendam milhões de cópias, nem por isso são enquadrados como narrativa trivial, pois não possuem estrutura textual para tal.

Portanto, determinarmos o que caracteriza as obras como narrativas triviais se faz de grande valia para podermos ter parâmetros de valor na literatura. Pois segundo Kothe (2013, p. 90) há

poucas obras com grande qualidade, muitas obras com pouca qualidade, e uma quantia média de obras de qualidade mediana, formando-se uma pirâmide literária [...] não se pode entender a mediocridade do baixo sem entender a grandeza do alto; não se pode entender a mediania do mediano sem ter uma percepção clara da distância que tem o trivial, bem como do que lhe falta para chegar à grandeza da obra clássica. (KOTHE, 2013, p. 90).

Assim entendemos a Narrativa trivial como escritos de menor complexidade (pela sua estrutura já esperada), os escritos canônicos como alta literatura dotada de maior complexidade, além de termos um meio termo entre eles, as obras medianas.

É a partir desse ponto no qual as narrativas triviais são a base da pirâmide de valor literário e as obras canônicas são o topo, que traçamos a análise da pesquisa aqui apresentada, ao averiguar quais características do trivial ou do canônico podemos perceber em *As crônicas de gelo e fogo*, atendo-se aos aspectos intrínsecos e extrínsecos respectivamente à obra.

## 2. UMA AVERIGUAÇÃO DE POTENCIAL CANÔNICO

Nesta seção buscamos averiguar se a estrutura do romance *As crônicas de gelo e fogo* possui, ou não, a estrutura profunda responsável por caracterizar as obras literárias como narrativa trivial (KOTHE, 1994), como também, se e quais instâncias canônicas (COSTA, 2013) reagem à obra de Martin.

O romance *As crônicas de gelo e fogo* constitui-se em sua unidade de sete volumes, os quais, até o momento apenas cinco foram lançados. Desse modo, por questões didáticas, para analisarmos a estrutura do texto em busca de traços da narrativa trivial, utilizaremos os volumes um e três, respectivamente, “A guerra dos tronos” (1996) e “A tormenta de espadas” (2000). Já para investigar quais as instâncias canônicas que têm reagido ao romance utilizaremos os cinco volumes publicados até o presente momento. Para fins de análise verificaremos os seguintes elementos que remetem à narrativa trivial: a estrutura profunda da narrativa, seu enredo característico, a natureza de suas personagens e os papéis que eles desempenham; relativo às instâncias canônicas verificaremos a relação da obra com: a crítica, a mídia, as instituições, e a projeção da mesma.

### 2.1 OS LIMITES DA TRIVIALIDADE NAS CRÔNICAS DE GELO E FOGO

As crônicas de gelo e fogo têm como ambientação, assim como as histórias do escritor Inglês J.R.R. Tolkien, um mundo particular que se assemelha ao mundo real. No universo criado por Martin, no desenrolar da narrativa, os eventos ocorrem nos continentes de Westeros e Essos, em uma periodização histórica similar ao período medieval. Podemos ter uma ideia sobre tal territorialidade no mapa exposto a seguir:





Imagem1: Mapa de Westeros e Essos.

Fonte: <http://www.digitalspy.com/tv/ustv/feature/g24724/game-of-thrones-map/>

De modo a compreender melhor a estrutura narrativa do romance, levemos em conta o esclarecimento do próprio autor com relação ao modo como a história é apresentada:

As crônicas de gelo e fogo são contadas através dos olhos de personagens que, às vezes, estão separadas centenas ou mesmo milhares de quilômetros umas das outras. Alguns capítulos cobrem um dia, outros, apenas uma hora; outros podem englobar uma quinzena, um mês, um ano. Com tal estrutura, a narrativa não pode ser estritamente sequencial; às vezes há coisas importantes acontecendo, separadas por léguas. (MARTIN, 2012, vol. 3, p.5)

Foi possível constatar que o enredo do romance que narra *As crônicas de gelo e fogo* é constituído de três núcleos principais, tendo como primeiro núcleo a mítica batalha entre o bem e o mal, na qual os Filhos da floresta e R'hllor (senhor da Luz e do Fogo) são representantes do bem; e o Outro (Senhor da Escuridão e do Frio), como representante do mal. Embora estes sejam a trama principal do romance, aparecem de modo secundários nos primeiros volumes do romance. Como

segundo núcleo há a guerra pelos sete reinos disputada pelas grandes Casas<sup>4</sup> de Westeros, na qual de modo geral, os Lannister são os vilões e os Stark os bons; como também faz parte deste núcleo a busca pela personagem Daenerys Targaryen para que esta venha retomar o trono dos sete reinos, usurpado de sua família por Robert Baratheon, o atual Rei.

Por fim, temos o núcleo relativo a vivência na Muralha<sup>5</sup> (MURALHA, 2018), onde a Patrulha da Noite guarda Westeros contra Rebeldes, denominados Selvagens, que vivem para além da muralha no extremo norte do Continente. Embora, o objetivo principal, mas quase esquecido da Muralha seja defender os vivos contra a mítica ameaça de forças do mal conhecido como os Outros, que lideram um exercito de mortos congelados, os caminhanes brancos (do inglês, *White Walkers*).

Já no início do primeiro livro, *A guerra dos tronos*, somos apresentados aos elementos que representam o embate entre o bem e o mal, que Kothe (1994) nos apresenta como base da estrutura profunda das narrativas triviais. Na passagem em que Lorde Eddard Stark, guardião do norte, é obrigado a decapitar um desertor da Patrulha da Noite, sem saber que o mesmo enlouqueceu após ter visto um dos caminhanes brancos:

Foi o quarto esse ano – disse Ned sombriamente. – O pobre homem estava meio louco. Algo lhe incutiu um medo tão profundo que minhas palavras não o alcançaram – suspirou. – Ben escreveu-me me dizendo que a força da Patrulha da Noite já não tem mil homens. Não só deserções. Tem perdido homens em patrulha. – São os selvagens? – ela perguntou. – Quem mais poderia ser? [...] – E só vai piorar. Pode chegar um dia em que eu não tenha escolha a não ser reunir os vassalos e marchar para o norte a fim de lidar de uma vez por todas com esse Rei-para-lá-da-Muralha. – para lá da muralha? – a ideia fez Catelyn estremecer. Ned viu o terror no seu rosto. – Mance Rayder não é nada que devemos temer – Há coisas mais sombrias para lá da Muralha [...] – Você acredita demais nas histórias da velha ama. Os outros estão tão mortos quanto os Filhos da floresta, desaparecidos há oito mil anos. (MARTIN, 2012, vol. 1, p. 35-6)

O trecho acima nos apresenta dois embates entre o bem e o mal tidos como característica da narrativa trivial. O primeiro, um embate social entre os rebeldes e os habitantes dos sete reinos de Westeros; e o segundo, trata-se de um conflito

---

<sup>4</sup> Lannister, Greyjoy, Baratheon, Stark.

<sup>5</sup> Uma antiga construção de gelo, construída no Norte do continente, que limita parte civilizada de Westeros da imensa região coberta de gelo no extremo norte do continente, com cerca de 480km de comprimento e aproximadamente 210m de altura. (MURALHA, 2018)

entre o bem e o mal encarado pelas personagens como uma espécie de folclore representado pela figura dos “Outros” e os “Filhos da Floresta”. Mais adiante na narrativa, no volume três encontramos novamente a presença da batalha do bem contra o mal através de um novo elemento que compõe essa dualidade com a presença do deus “R’hllor” que também se contrapõe ao “Outro”, como pode ser observado no trecho abaixo:

De um lado está R’hllor, o senhor da Luz, o Coração de Fogo, o Deus da Chama e da Sombra. Contra ele ergue-se o Grande Outro, cujo nome não pode ser pronunciado, o Senhor das Trevas, a Alma do Gelo, o Deus da Noite e do Terror. A nossa escolha não é entre Baratheon e Lannister, entre Greyjoy e Stark. O que escolhemos é a morte ou a vida. A escuridão ou a Luz” (MARTIN, 2012, vol. 3, p.446)

Assim, as questões de carácter folclórico-religioso abordadas nos trechos anteriores, que envolvem os “Filhos da Floresta”, “R’hllor” e o “Outro”, são os únicos elementos que se assemelham aos da narrativa trivial apresentada por Kothe (1994).

Voltando nossa atenção para o embate social entre os Selvagens e a Patrulha da Noite, essa questão foge totalmente ao que Kothe (1994) aponta como característico da estrutura profunda referente às personagens da narrativa trivial, na qual “quem é bom, é bom, e quem é mal, é mal” são apresentados desde o início de modo claro, e isso só se confirma. Uma vez que os Selvagens não são, de fato, maus como são apresentados no início do romance, mas rebeldes, exilados dos sete reinos, ou simplesmente que já habitavam o norte da Muralha desde gerações passadas. Constatamos tal afirmação, através do personagem Jon Snow, filho bastardo de Eddard Stark, e membro da Patrulha da Noite.

Em determinado momento da narrativa, Jon Snow é capturado pelos Selvagens e, para não ser morto, finge ter desertado da Patrulha da Noite e passado para o lado dos rebeldes. Nessa vivência como farsante, ele presencia o cotidiano dos selvagens e os vê como homens normais e, não como os monstros pelos quais são tidos, a ponto de se apaixonar por uma dos selvagens, chamada Ygritte, que acaba morrendo em confronto contra a própria Patrulha da Noite, da qual Jon Snow ainda se considerava membro, como pode ser visto a seguir:

Jon Snow, encontrou Ygritte estatelada numa mancha de neve velha [...] com uma flecha entre os seios [...] Jon viu que a flecha era negra, mas tinha

penas brancas de pato. Não é minha, disse a si mesmo, não é uma das minhas. Mas sentiu como se fosse. Quando ajoelhou-se na neve ao lado dela, Ygritte abriu os olhos [...] Jon pegou na mão dela [...] ela limitou-se a rir – Não vai morrer, Ygritte, não vai. – Oh. Ygritte envolveu o rosto dele com a mão. – Você não sabe de nada, Jon Snow – suspirou, e morreu. (MARTIN, 2012, vol.3, p. 953-4)

Portanto, constatamos que embora a trivialidade possa ser encontrada em um núcleo da narrativa, através de questões míticas, religiosas e folclóricas, ela não se repete nos demais núcleos, a exemplo do embate entre os selvagens e os habitantes dos sete reinos. Direcionemos então nossa atenção aos eventos que se destacam no primeiro livro do romance.

O primeiro volume, *A guerra dos Tronos*, foca na ilegitimidade dos filhos do Rei, Robert Baratheon, com a Rainha, Cersei Lannister. A história de fato começa quando o rei Robert viaja ao Norte para convidar seu amigo de infância, Eddard Stark, líder da Casa Stark, Guardiã do Norte, para ser a Mão do rei (conselheiro e comandante militar). Eddard aceita o cargo de Mão do rei, e viaja com suas filhas ao Sul de Westeros, para a capital do Reino, Porto Real.

Durante o tempo que a comitiva real estava em Winterfel, no Norte, o filho do meio de Eddard, Bran Stark ao escalar uma torre encontra a rainha Cersei Lannister em ato incestuoso com seu irmão Jaime Lannister, ao notar que Bran descobriu o seu segredo, o empurra da torre, fazendo-o cair para a morte. Mas o menino apenas fica sem os sentidos das pernas; posteriormente, Cersei Lannister envia um assassino para matar o menino com objetivo de assegurar seu segredo, mas a mãe de Bran, Catelyn Stark, impede o assassinato.

Já no Sul, Eddard Stark descobre que a morte de Jon Arryn, anterior Mão do rei, se deu por ele ter descoberto que os filhos do Rei são herdeiros ilegítimos, na verdade filhos do Irmão da Rainha, Jaime Lannister, frutos de Incesto. Sabendo da verdade, como gesto de misericórdia e honra, Eddard Stark dá a Cersei Lannister a oportunidade de fugir com os filhos antes que ele revele ao Rei a paternidade dos falsos herdeiros. Para garantir maioria em número de soldados sobre a Rainha, já em alerta sobre a descoberta acerca da verdade sobre seus filhos, Eddard Stark confia em Mindinho, um antigo admirador de sua mulher, Catelyn Stark, para comprar os guardas do rei como pode se observar no seguinte trecho:

Por isso, nada tema, meu bom senhor. Em nome do amor que sinto por Catelyn, falarei com Janos Slynt agora mesmo e me assegurarei de que a

patrulha da Cidade seja sua. Seis mil pecas de outro deverão bastar. [...] Talvez eu conseguisse compra-los pela metade do preço, mas prefiro não arriscar – sorrindo, pegou o punhal e o ofereceu a Ned, com o cabo para a frente. (MARTIN, 2012, vol.1, p. 659)

Embora justo e honroso Eddard Stark é ingênuo ao confiar em Mindinho, que o trai, no momento em que contava com ele para tirar a Rainha e seus filhos do trono. E acreditando que os guardas do reino estavam sob seu controle, ele se surpreende ao ver a Rainha dando ordens para os guardas atacarem seus homens, que terminam massacrados; Mindinho demonstra sua traição na seguinte cena: “enquanto seus homens morriam à sua volta, Mindinho tirou o punhal de Ned da bainha e o apontou para sua garganta. Seu sorriso como que pedia perdão. – Avisei para não confiar em mim” ( MARTIN, 2012, v1, p. 677). Fato que ocasiona a prisão de Eddard Stark, inversamente ao que é destinado às personagens de narrativas triviais, o bom e justo na tentativa de consertar o mal da forma mais honrosa, justa e misericordiosa, acaba sendo preso e posteriormente executado.

Já na sua sela suja e fétida, Varys, um eunuco espião do reino, questiona o porquê dele ter procedido de tal modo.

- Creio que o senhor compreende que é um homem morto, Lorde Eddard? [...] Que estranho ataque de loucura o levou a dizer à rainha que sabia da verdade sobre o nascimento de Joffrey? – A loucura da misericórdia – admitiu Ned. – Ah – disse Varys. – Com certeza. É um homem honesto e honroso, Lord Eddard. Por vezes me esqueço disso. Conheci tão poucos ao longo da vida [...] – Quando vejo o que a honestidade e a honra lhe trouxeram, compreendo por quê. (MARTIN, 2012, vol.1, p. 809- 810)

Varys lhe sugere que o único modo de fugir da morte, e evitar retaliação a suas filhas seria confessar traição, mesmo sem tê-la cometido, como podemos observar:

- Quer que sirva a mulher que assassinou o meu rei, massacrando meus homens e fez do meu filho um aleijado? – a voz de Ned estava carregada de incredulidade. – Quero que sirva o reino – Disse Varys. – Diga à rainha que confessará sua vil traição, ordene a seu filho que pouse a espada e proclame Joffrey o herdeiro verdadeiro. Proponha denunciar Stannis e Renly como usurpadores sem fé. Nossa leoa de olhos verdes sabe que é um homem de honra [...] e jurando levar seu segredo para a tumba, creio que lhe será permitido vestir o negro e viver o resto de seus dias na Muralha, com seu irmão e aquele seu filho ilegítimo (MARTIN, 2012, vol.1, p.812)

E assim ele fez em praça pública, confessa ter traído o reino com falsas alegações acerca da legitimidade dos herdeiros. Mas mesmo assim, em um ato cruel, na frente

de suas duas filhas, o adolescente Rei regente, Joffrey Baratheon, descumpre o acordo feito entre sua mãe, Cersei Lannister e Eddard Stark, e executa Eddard Stark. Assim, o “mocinho” da história tem destino completamente oposto ao das narrativas triviais, e é decapitado, como ser observado no trecho a seguir:

Minha mãe pede-me que permita a Lorde Eddard que vista o negro, e a Senhora Sansa suplicou misericórdia para o pai – olhou então à direita para Sansa e sorriu, e por um momento Arya pensou que os deuses tinham ouvido sua prece, até que Joffrey voltou a virar-se para a multidão e disse: Mas elas têm o coração piedoso de mulher. Enquanto eu for rei, a traição nunca passará impune. Sor llyn, traga-me a cabeça dele. (MARTIN, 2012, vol.1, p.931)

Após a Morte de Eddard Stark se inicia a disputa pelos sete reinos que configura basicamente toda a extensão do segundo volume das crônicas de gelo e fogo, intitulado “A fúrias dos reis”, que continua no volume três “A tormenta de espadas” que tem como ápice o evento que reafirma a o distanciamento da trivialidade na narrativa.

O Casamento Vermelho é o nome dado ao evento no qual os Stark apresentados como os bons da história são executados pelos Frey a mando dos Lannister, os vilões. Em uma tentativa dos Stark de reparar um acordo matrimonial quebrado, como é relatado o que foi feio a Robb Stark (declarado Rei do Norte), e sua mãe Catelyn Stark, no seguinte trecho, que demonstra a distanciamento da trivialidade da narrativa ao fato do “mal” triunfar sobre o “bem”:

Por um momento, pareceu que o rei não tinha ouvido. Stannis não mostrou qualquer prazer com a notícia, nem ira, nem incredulidade, nem mesmo alívio. [...] – tem certeza? – perguntou. [...] – na cidade, os leões pavoneiam-se e dançam. O povo está chamando de *O Casamento Vermelho*, juram que Lorde Frey cortou a cabeça do rapaz, costurou a cabeça do lobo gigante dele no lugar e pregou uma coroa sobre as orelhas. A senhora mãe dele também foi morta e atirada nua ao rio. *Num casamento*, pensou Davos. Sentado à mesa de seu assassino, um hóspede sobre o seu teto. Aqueles Frey estão amaldiçoados. (MARTIN, 2012, vol.3, p. 914)

Assim, constatamos que embora a trivialidade esteja presente na obra, através do embate do bem contra o mal representado pelas figuras do Outro, R’lhor e os Filhos da Floresta. A expectativa que há nos textos triviais com relação ao papel desempenhado pelas personagens não se aplica à obra em questão, visto que os eventos que sucedem no romance fogem completamente ao que é estabelecido como Narrativa Trivial.

A exemplo da constatação de que os Selvagens seja inicialmente apresentados como maus, não se confirmarem de fato como tal. Fato que diverge das narrativas triviais nas quais o caráter das personagens se confirma tal qual é apresentado; o “mocinho” apresentado na figura do personagem Eddard Stark ao ser o agente reparador do mal, acabar sendo preso, torturado e executado. Uma vez que nas narrativas triviais o mocinho seria recompensado por intervir na ação do mal, triunfando sobre ele; e o assassinato de todos os apoiadores e membros da casa Stark durante um casamento na casa de seu anfitrião rompendo com as leis sociais relativas à ética existente no romance. Fato que reforça a distância do trivial pois o mal claramente triunfa ante o bem, fato que não ocorre nas narrativas triviais.

Por fim, como resultado da análise dos trechos expostos, pudemos concluir que embora o trivial se faça presente na obra em um dos núcleos do romance. Os demais núcleos, bem como o papel desempenhado pelas personagens não condizem com o que é apresentado por Kothe (1994) como narrativa trivial.

Portanto, concluímos também que devido ao distanciamento que *As crônicas de gelo e fogo* tem da narrativa trivial podemos classificá-la como uma narrativa de qualidade ao menos mediana, levando em conta a pirâmide de valor literário já mencionada por Kothe (1994).

## 2.2 INSTÂNCIAS CANÔNICAS E AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO

Esta parte de nossa análise se concentra nos aspectos extrínsecos à obra, na qual buscamos por intermédio da internet, averiguar como as instâncias canônicas apresentadas através de Costa (2013) se relacionam com o romance do escritor Norte-americano George R. R. Martin.

Em nossa pesquisa, constatamos que o romance tem sido adotado pela **crítica** (acadêmica e jornalística), fato que (COSTA, 2013) é um dos mais importantes no que diz respeito à atribuição de potencial canônico às obras.

O romance vem sendo abordado pela crítica acadêmica e relacionado com outras áreas como a filosofia. Temos como exemplo o livro *A guerra dos tronos e a*

filosofia – *A lógica golpeia mais profundamente do que as espadas*, organizado por Henry Jacoby<sup>6</sup>.



Imagem 2: Capa do livro “A guerra dos tronos e a filosofia”.

Fonte: <https://m.livrariacultura.com.br/p/livro/filosofia/a-guerra-dos-tronos-e-a-filosofia-30372497>

Também foi encontrado um livro que trata, propriamente, de aprofundar a compreensão acerca da obra em diferentes perspectivas, organizado por James Lowder<sup>7</sup>, intitulado *Para além da Muralha: explorando o universo de “As crônicas gelo e fogo*.

---

<sup>6</sup> Professor emérito do MIT

<sup>7</sup> Autor e editor. Comandou as séries de livros do Rei Arthur.





Imagem 3: Capa do livro "Além da muralha".  
Fonte: leya.com.br/alem-da-muralha

Além dos já citados livros teóricos que têm *As crônicas de gelo e fogo*, como objeto de discussão, em nossa pesquisa, encontramos também produção acadêmica em diferentes lugares do mundo abordando o romance em diferentes perspectivas através do website especializado em artigos acadêmicos "Jstor.org", ao pesquisar por "*A Song of Ice and Fire*" (título original do romance), pudemos encontrar capítulos de livros e artigos sobre o romance (anexo 1); também no "Google acadêmico" ao pesquisar por "*As crônicas de gelo e fogo*" pode ser encontrados diversos artigos produzidos em universidades, eventos acadêmicos e afins sobre a obra de Martin (anexo 2), em território nacional.

A crítica jornalística internacional tem voltado seus holofotes para o romance, diversos jornais ao redor do mundo têm dado especial atenção à narrativa de George R.R. Martin, como o jornal inglês, *The Guardian*; do Reino unido, *The Telegraph*, o Americano *The New York times*; e os brasileiros *Estadão*, *Folha e Veja*. A fim de evidenciar a atenção recebida pelo romance por parte da crítica jornalística internacional, destacamos dois artigos publicados por redatores dos jornais *The Guardian* e *The Telegraph*. O jornal *The Guardian*, em novembro de 2009, publicou matéria que comenta acerca das qualidades que fizeram o redator do

artigo ser “fisgado” pelo romance “As crônicas de gelo e fogo” (JORDISON, 2009) mesmo antes do lançamento da série da HBO; também o jornal *The Telegraph*, já em julho de 2011, publicou um artigo intitulado “A guerra dos tronos: o fenômeno”<sup>8</sup> no qual o redator Tim Martin, comenta que embora a fantasia seja um gênero normalmente esnobado *As crônicas de gelo e fogo* possui uma escrita tão boa e habilidosa como qualquer escrito da ficção contemporânea” (MARTIN, TIM. 2011).

Assim pudemos constatar que o romance tem tido atenção por parte tanto da crítica jornalística quanto da crítica acadêmica, caracterizando a aceitação por uma das principais instâncias canônicas de maior peso da formação dos cânones, a **crítica**. (Costa, 2013) o que pode propiciar potencial canônico ao escritor americano, dentro de sua linha de escrita, a fantasia.

A **mídia** também tem dado grande atenção ao romance de Martin, nas três esferas (mídia editorial, jornalística e os eventos literários) as quais agem como instância canônica. A mídia editorial tem se debruçado sobre o romance de Martin devido ao fato de que até 2015 o romance vendeu 58 milhões de cópias ao redor do mundo, sendo traduzido para 45 línguas<sup>9</sup> revolucionando o modo como as pessoas enxergam a literatura de fantasia (FLOOD, 2015). A mídia editorial e jornalística vem acompanhando enfaticamente o lançamento do sexto livro da saga “As crônicas de gelo e fogo” de modo que, importantes jornais como o *americano The New York Times* publicou uma matéria acerca da expectativa do público sobre o lançamento do próximo livro, onde comentava que o escritor George Martin havia disponibilizado um trecho do novo livro, *Os ventos do inverno*. (ALTER, 2015).

Como o autor tem demorado a lançar o volume seguinte do romance de *As crônicas de gelo e fogo*, intitulado *Os ventos do inverno* (do inglês, *The Winds of Winter*) a mídia vem acompanhando o processo de produção do romance e frequentemente lançando notas como a do jornal inglês *The Guardian* que diz que, segundo o próprio autor George R. R. Martin, o próximo volume pode ser lançado em 2018 (FLOOD, 2017).

Portanto, como reconhecimento do destaque que sua obra vem tendo nos últimos anos. Martin, além de possuir atenção da crítica, seu nome vem sendo

---

<sup>8</sup> Tradução nossa.

<sup>9</sup> Tradução nossa “His books have sold 58m copies worldwide in 45 languages” (FLOOD, 2015)

ênfatizado e, frequentemente solicitado como importante presença em grandes feiras literárias ao redor do mundo, sendo um dos principais escritores das editoras que possui contrato.

Como exemplo dessa popularidade e importância nos eventos, o escritor foi figura de destaque em uma das mais importantes feiras literárias do Brasil, a bienal do livro. O escritor aparece como celebridade, a convite especial da editora que publica seus livros no Brasil (Editora Leya), ele teve seus livros como um dos mais vendidos da bienal e atraiu centenas de fãs<sup>10</sup>; o que embora não possua em si o poder de canonizar, gera certo status canônico pelo fato do escritor aparecer em nos eventos como uma espécie de *popstar*.

Com relação às **instituições** de ensino, a terceira das quatro instâncias canônicas. Acreditamos que devido ao fato de ser um autor contemporâneo, ou pela limitação do nosso instrumento de pesquisa, a internet. Não identificamos a presença de *As crônicas de gelo e fogo* em universidades ou escolas como leitura obrigatória de suas grades curriculares. Fato este que não é nenhuma surpresa, uma vez que as instituições têm como leitura obrigatória obras já canonizadas, tendo assim como meio de preservá-las nas memórias das pessoas em longo prazo (Cf. KOTHE, 1994).

Todavia, encontramos um interessante fato sobre a obra de Martin em instituições de ensino, uma notícia no jornal *The Telegraph*, que mencionava que uma universidade canadense, a University of British Columbia oferta um curso onde os alunos examinam o romance de Martin (MARK, 2015), como pode ser visto nas imagens abaixo:

---

<sup>10</sup> Georgerrmartin.com, 2017



Imagem 4: Curso em Universidade Canadense

Fonte: <https://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/northamerica/canada/11959041/Game-of-Thrones-season-6-University-offers-course-on-George-R-R-Martins-A-Song-of-Ice-and-Fire.html>



Imagem 5: Curso em Universidade Canadense

Fonte: <https://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/northamerica/canada/11959041/Game-of-Thrones-season-6-University-offers-course-on-George-R-R-Martins-A-Song-of-Ice-and-Fire.html>

Isso nos mostra que as universidades, embora não a adotem como leitura obrigatória de cursos de graduação/pós-graduação, já se envolvem com a obra de Martin, o que pode ser encarado como um início da inserção nas academias, além de já ser objeto de estudo de grupos de pesquisa como pode ser observado no anexo 2, o que proporciona certo potencial canônico ao romance.

Em nossa pesquisa também encontramos dados que remetem à **projeção** do autor para além das páginas de seus escritos. Pudemos encontrar em Martin os elementos que Costa (2013) aponta como capazes de projetar, de alguma forma, autor e obra para além de sua limitada vida humana e que podem contribuir para a canonização. Vejamos a seguir.

Embora não seja equivalente em proporção canônica com nossa Academia Brasileira de Letras, George R. R. Martin é membro da The Science Fiction and Fantasy Writers of America (SFWA)<sup>11</sup>, o que faz dele um nome a se considerar no que se refere à escrita de fantasia e ficção científica, seu campo de atuação.

No entanto, o que confirma, de fato, seu mérito como escritor do gênero fantasia é o fato de que sua principal obra *As crônicas de gelo e fogo* ter sido premiada ou ao menos indicada a vários prêmios literários.

Vejamos então cronologicamente (por ordem de lançamento o livro) as indicações e premiações recebidas pelo autor e sua obra: O primeiro volume do romance *As crônicas de gelo e fogo*, “A guerra dos Tronos” (do inglês *Game of Thrones* (1996)), ganhou em 2002, o prêmio Ignotius como melhor romance estrangeiro; o segundo volume, *A fúria dos reis* (*A Clash of kings* (1998)), foi nomeado ao prêmio Nebula em 1999; o terceiro volume *A tormenta das espada* (*A Storm of Swords* (2000)), figurou em primeiro lugar na escolha dos leitores do site “*Science fiction*” como melhor romance de ficção científica e fantasia, em 2000; o quarto volume, *O festim dos corvos* (*A Feast for Crows* (2005)), foi nomeado ao prêmio Hugo como melhor romance e ao prêmio Locus como melhor romance de fantasia em 2006; o quinto e último volume lançado, dos sete previstos, *A dança dos dragões* (do inglês *A Dance with Dragons* (2011)), foi nomeado a concorrer como melhor romance ao prêmios World Fantasy e Hugo, ganhando o prêmio Locus como melhor romance de fantasia em 2012. Os prêmios e nomeações estão expostos no

---

<sup>11</sup> Escritores de Ficção científica e fantasia da América

site oficial do escritor (HONORS, And Awards)<sup>12</sup>, como pode ser visto na imagem retirada da página em questão.



Imagem 6: Prêmios e nomeações

Fonte: <http://www.georgerrmartin.com/about-george/awards-honors/>

Em termos de projeção, o ápice da obra de Martin foi a série televisiva milionária lançada no ano de 2011 produzida pela produtora de TV HBO, fato que foi de extrema importância para o romance de Martin, o qual mesmo já possuindo reconhecimento da crítica, mídia e até mesmo tendo recebido prêmios, alavancou as vendas e a visibilidade do escritor, consolidando o seu nome no imaginário do grande público que teve acesso ao livro e/ou à série.

Por fim, pudemos observar que as instâncias canônicas têm se manifestado ante *As crônicas de gelo e fogo* de modo que a crítica tem lhe direcionado seu olhar ao estudar sua obra, a mídia tem lhe dado grande atenção, as instituições começam a abrir espaço para discussões a seu respeito e a obra tem sido projetada para diversos formatos tendo como esfera principal uma série milionária produzida por

<sup>12</sup> [www.georgerrmartin.com](http://www.georgerrmartin.com)

uma grande produtora. Esses elementos combinados nos sugerem um potencial canônico considerável que virá a ser comprovado, ou não, com o passar dos anos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui apresentada constituiu-se de uma análise da principal obra do escritor norte-americano contemporâneo George R. R. Martin, *As crônicas de gelo e fogo*. Na qual fizemos uso da Narrativa trivial abordada por Kothe (1994) para analisar a obra intrinsecamente e as instâncias canônicas propostas por Costa (2013) serviram de suporte para a análise dos elementos extrínsecos à obra.

Assim, chegamos à constatação de que embora o trivial possa ser encontrado na obra em certo ponto do enredo, os demais elementos da narrativa se distanciam do que foi apresentado como característico das narrativas triviais.

Portanto, uma vez que *As crônicas de gelo e fogo* se distancia do trivial, podemos, levando em consideração o que Kothe (1994) apresenta como uma pirâmide do valor literário, Na qual as narrativas triviais seriam obras menos complexas abundantes em quantidade e as canônicas seriam alta literatura encontrada em pouca quantidade. Temos o romance em questão, no meio termo existente entre o trivial e o canônico, as obra medianas. Assim, enxergamos *As crônicas de gelo e fogo* como um romance de qualidade mediana com pretensões canônicas que se faz notar pelo modo como as instâncias canônicas se relacionam com a obra.

Tal pretensão canônica pôde ser percebida tendo como base o discurso de Costa (2013) acerca das instâncias canônicas que sedimentam a discussão que pode atribuir potencial canônico. Assim, pudemos relatar que a obra de Martin vem tendo atenção enfática de ao menos três das quatro instâncias canônicas. De modo que a crítica, tanto jornalística através dos grandes jornais, quanto a acadêmica pelas publicações de artigos e livros que abordam a obra, têm dado grande atenção ao romance do escritor Norte-americano, fato também observado em outra instância canônica, a Mídia.

E devido ao tamanho sucesso que o escritor vem tendo ao decorrer dos últimos anos, tanto a sua obra quanto o seu nome têm sido adotado pela instância canônica da Projeção. O que pôde ser notado principalmente pela adaptação da obra através da série de TV *Game of Thrones*, que tem atraído ainda mais público leitor para seu romance. Mas também pelos prêmios recebidos e por Martin ser membro de uma instituição de escritores de fantasia.

Também pudemos observar que apenas a instância canônica representada pelas instituições de ensino ainda se relaciona de forma tímida no que diz respeito à obrigatoriedade do estudo da obra. Embora saibamos que isso ocorre devido ao propósito das instituições que ainda é comum nos dias atuais ser a manutenção dos clássicos. Mesmo diante disso, ainda pôde ser encontrado exemplo de instituições que ofertam cursos e integrantes de diferentes Universidades desenvolvem pesquisas acerca do romance, o que pode nos levar a crer que a inserção da obra nas instituições está em processo.

Por fim, nossa análise nos levou a perceber potencial canônico em *As crônicas de gelo e fogo* devido tanto ao distanciamento de sua estrutura profunda para com a estrutura profunda característica às narrativas triviais, quanto à atenção que a obra possui das instâncias canônicas, o que eleva o status da obra a mediana (não podendo-se afirmar status de alta literatura) e confirma o seu potencial canônico.

Constatações que nos levam à reflexão de que, embora não possamos atribuir nenhum status canônico à obra, tampouco inclui-la em algum cânone já existente, os elementos apresentados nos apontam um potencial canônico que foi possível ser percebido através da análise intrínseca e extrínseca da obra. Potencial canônico que virá a se confirmar como status canônico, ou não, no decorrer das próximas décadas, podendo levar Martin a se consolidar como um importante nome na Literatura, consolidando-se em uma espécie de cânone da literatura de fantasia ou cair no esquecimento.

A pesquisa aqui apresentada, embora com suas limitações, propõe o início de uma discussão acerca do potencial canônico da principal obra de George R. R.



Martin, que pode servir como base para futuras pesquisas que visem ampliar as reflexões aqui iniciadas.

## REFERÊNCIAS

ALTER, Alexandra. **New York Times**. 2 de Abril de 2015. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2015/04/03/business/media/winds-of-winter-excerpt-published-by-george-rr-martin-on-his-site.html>> Acesso em: 12 de outubro de 2018.

BLOOM, Harold. **O cânone ocidental: Os livros e a escola do tempo** – Rio de Janeiro : Objetiva, 2001

COSTA, Edson Tavares. **A construção e a permanência do nome do autor: o caso José Condé** / Edson Tavares Costa. – João pessoa, 2013.

FLOOD, Alison. **The Guardian**. Julho de 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2017/jul/24/game-of-thrones-winds-of-winter-could-be-out-in-2018-says-george-rr-martin>>. Acesso em 12 de outubro de 2018

FLOOD, Alison. George RR Martin revolutionized how people think about fantasy. **The Guardian**. 10 de abril de 2015. Disponível em: <https://www.theguardian.com/tv-and-radio/2015/apr/10/george-rr-martin-revolutionised-how-people-think-about-fantasy>. Acesso em: 26 de outubro de 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** 4. Ed. 1994; 5.ed. 1999; 8. Reimpr.-São Paulo : Atlas, 2007.

HONORS, AWARDS and. **Georgerrmartin.com**. Disponível em: <<http://www.georgerrmartin.com/about-george/awards-honors/>> Acesso em: 25 de outubro de 2018.

JORDISON, San. Getting hooked on George r.r. Martin. **The Guardian**. 13 de novembro de 2009. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/booksblog/2009/nov/13/hooked-on-george-rr-martin>>. Acesso em: 12 de outubro de 2018.

KOTHE, Flávio Rene. **A narrativa trivial** / Flávio R. Kothe. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994 (1ª reimpressão: 2007)

LUZ, AMANDA. Google diz que existem mais de 129 milhões de livros no mundo. **EXAME**. 9 de agosto de 2010. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/tecnologia/google-diz-existem-mais-129-milhoes-livros-mundo-585616/>>. Acesso em 29 de outubro de 2018.

MARK, Molloy. **The Telegraph**. 27 de outubro de 2015. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/northamerica/canada/11959041/Game-of-Thrones-season-6-University-offers-course-on-George-R-R-Martins-A-Song-of-Ice-and-Fire.html>> Acesso em: 26 de outubro de 2018.

MARTIN, George R. R. **A guerra dos tronos** / George R. R. Martin; tradução Jorge Candeias. – São Paulo: Leya, 2012. –( As crônicas de gelo e fogo; vol1)

\_\_\_\_\_ **A tormenta de espadas** / George R. R. Martin; tradução Jorge Candeias. – São Paulo: Leya, 2012. –( As crônicas de gelo e fogo; vol3)

MARTIN, Tim. Game of thrones: the phenomenon. **The Telegraph**. 22 de julho de 2011. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/culture/books/bookreviews/8652234/Game-of-Thrones-the-phenomenon.html>>. Acesso em: 23 de outubro de 2018.


Muralha. **Pt.geloefogo.wikia.com**, 2018. Disponível em:  
<<http://pt.geloefogo.wikia.com/wiki/Muralha>> Acesso em: 21 de novembro de 2018


O reinado de George R. R. Martin na bienal do livro. **Georgerrmartin.com.br**, 2017.  
Disponível em: <<http://georgerrmartin.com.br/blog/o-reinado-de-george-r-r-martin-na-bienal-do-livro>>. Acesso em 25 de outubro de 2018.


PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos** / Leyla Perrone-Moisés. – São Paula: Companhia das Letras, 1998.

ANEXOS

ANEXO 1



A song of fire and ice Ge 

[Browse](#)  [Login](#) | [Register](#)

Show Search Filters

Showing **1-25** of **3,437** search results



JOURNAL ARTICLE

**[Food Fantasies in George R. R. Martin](#)**

[Anca Rosu](#)

*Journal of the Fantastic in the Arts*, Vol. 24, No. 3 (89) (2013), pp. 446-466

**Topics:** [Food consumption](#), [Food history](#), [Gastronomy](#), [Foodways](#), [Food security](#), [Cooking](#), [Recipes](#), [Hunger](#), [Famine](#),



BOOK CHAPTER

**Unsettled Accounts: Corporate Culture and George R. R. Martin's Fetish Medievalism**

(pp. 57-64)

From: Studies in Medievalism XXI: Corporate Medievalism

Lauryn S. Mayer

Volume: 21

Boydell & Brewer, D. S. Brewer (2012)

**Topics:** Corporations, Corporate culture, Chimeras, Armor, Corporate structure, Narratives, Fiction, Farmlands, Killing

Download PDF



BOOK CHAPTER

**Bringing Elsewhere Home: A Song of Ice and Fire's Ethics of Disability** (pp. 45-60)

From: Studies in Medievalism XXIII: Ethics and Medievalism

Pascal J. Massie, Lauryn S. Mayer

Edition: NED - New edition

Boydell & Brewer, D. S. Brewer (2014)

**Topics:** Disabilities, Fantasy fiction, Narratives, Literary tropes, Dwarfism, Literary characters, Imaginary places, Fantasy, Science fiction, Medical cures

Download PDF



BOOK CHAPTER

**Realism and Utopianism Reconsidered: A Political Theoretical Reading of A Song of Ice and Fire** (pp. 219-238)

From: Utopian Horizons: Ideology, Politics, Literature

Zoltán Gábor Szűcs

Central European University Press (2017)

**Topics:** Utopian fiction, Political realism, Novels, Social contract, Fantasy fiction, Legislatures, Utopias, Balance of power, Dystopian fiction

Download PDF



JOURNAL ARTICLE

**Food Fantasies in George R. R. Martin**

Anca Rosu

Journal of the Fantastic in the Arts, Vol. 24, No. 3 (89) (2013), pp. 446-466

**Topics:** Food consumption, Food history, Gastronomy, Foodways, Food security, Cooking, Recipes, Hunger, Famine, Violence

Download PDF



BOOK CHAPTER

**The Ethical Movement of Daenerys Targaryen** (pp. 61-68)

From: Studies in Medievalism XXIII:

Ethics and Medievalism

Christopher Roman

Edition: NED - New edition

Boydell & Brewer, D. S. Brewer (2014)

**Topics:** Political ethics, Slaves, Ethical behavior, Evolutionary ethics, Kings, Thrones, Social ethics, Medieval literature, Horses, Respect

Download PDF



BOOK CHAPTER

**Realism and Utopianism Reconsidered: A Political Theoretical Reading of A Song of Ice and Fire** (pp. 219-238)

From: Utopian Horizons: Ideology,

Politics, Literature

Zoltán Gábor Szűcs

Central European University Press  
(2017)

**Topics:** Utopian fiction, Political realism, Novels, Social contract, Fantasy fiction, Legislatures, Utopias, Balance of power, Dystopian fiction

Download PDF



BOOK CHAPTER

**Mediating Medieval(ized) Emotion in Game of Thrones**  
(pp. 35-42)

From: Studies in Medievalism XXVII:

Authenticity, Medievalism, Music

Carolyne Larrington

Edition: NED - New edition

Boydell and Brewer, D. S. Brewer (2018)

**Topics:** Love, Medieval literature, Fantasy fiction, Shame, Marriage, Self, Television programs, Emotional intimacy

Download PDF

Fonte: <https://www.jstor.org/action/doBasicSearch?Query=A+song+of+ice+and+fire+George+R.+R.+M+artin&acc=off&wc=on&fc=off&group=none> Acesso em 11/11/2018.



## UTOPIA E FANTASIA: UM ESTUDO SOBRE A FUNÇÃO UTÓPICA E AS *CRÔNICAS DE GELO E FOGO*

Gabriel Maia de Oliveira  
Universidade Federal da Paraíba  
Gabriel-m8@hotmail.com

### **Utopia e fantasia: um estudo sobre a função utópica e as *Crônicas de Gelo e Fogo* (Resumo)**

A Utopia figura-se como sonho ou desejo de uma vida melhor e da melhor vida possível. A partir da leitura de Theodor Adorno compreende-se que as realizações da Utopia na literatura e na cultura de um modo geral apontam não para um futuro melhor, mas para um presente insuportável. Além disso, revelam apenas o igual, o ideológico e não o radicalmente diferente e melhor. No texto analisa-se a questão da utopia como forma de discutir a ideologia na literatura, em especial naquela literatura fantástica. Tem-se como objeto as *Crônicas de Gelo e Fogo*, de George R. R. Martin.

**Palavras-Chave:** Crônicas de Gelo e Fogo, utopia, ideologia.

### **Utopia and fantasy: a study about the utopian function in the *Song of Ice and Fire* (Abstract)**

Utopia presents itself as dreams of a better life, and of the best life possible. But we learn with Theodor Adorno that it's realizations in literature and in culture in general point not to a better future, but to a insupportable present, and that they reveal only but the equal and ideological, not the radically different and better. This paper tries to analyze the question of the utopia as a way to discuss ideology in literature, in particular the fantastic literature – such as the *A Song of Ice and Fire*, by George R. R. Martin.

**Key Words:** A Song of Ice and Fire, utopia, ideology.

A pesquisa da qual decorre este artigo, tem como objetivo realizar uma análise sociológica da moralidade nos livros que compõem as *Crônicas de Gelo e Fogo*, de George R. R. Martin. Para esta exposição buscaremos traçar a “utopia” como forma válida de se enxergar sociologicamente a literatura, e em especial a literatura fantástica. Theodor Adorno (1962), Ernst Bloch (1996), e depois deles, Terry Eagleton (1993) e Fredric Jameson (1985) estão entre os autores associados à escola de Frankfurt ou ao marxismo de forma mais ampla que não depreciaram ou deixaram de dar importância à discussão sobre a Utopia. Aqui, largamente inspirados em análises como *Aldous Huxley e a Utopia* de Adorno (1962), buscamos trazer a discussão para os textos de fantasia (ou maravilhoso). Conforme propõe Krishan Kumar (2010), em um artigo intitulado “*The Ends of Utopia*” tentaremos fazer da “utopia” uma ferramenta sociológica.





## O FANTÁSTICO EM *CRÔNICAS DE GELO E FOGO*

MELO, Karolayne Peres de (IC)<sup>1</sup>; CUNHA, Cristiane Juvência Cabral Cunha(FM)<sup>1\*</sup>;

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Campus Trindade – GO.

\*Orientadora – cristiane.cunha@ifgoiano.edu.br

**RESUMO:** O presente projeto de pesquisa apresenta a análise dos principais aspectos do fantástico no enredo dos dois primeiros volumes da obra *As crônicas de gelo e fogo* de George Martin: *A guerra dos tronos* e *A fúria dos reis*. Por meio da pesquisa bibliográfica se estudou a teoria literária pertinente para se analisar os principais aspectos fantásticos presentes e sua importância para a construção do enredo. A conquista de novos leitores é bem peculiar à Literatura Fantástica. O gosto por histórias com mistérios que destoam do mundo real é algo instigante ao leitor, provocando a curiosidade e a disposição em desvendar os segredos desse enredo fictício. O relevante nesse projeto de pesquisa foi analisar uma obra contemporânea do gênero fantástico ainda pouco estudada, promovendo por conseguinte o letramento literário de novos leitores em eventos de divulgação como seminários e congressos.

**Palavras-chave:** Literatura contemporânea. Fantástico. Letramento literário.

### INTRODUÇÃO

Há uma preocupação latente relacionada à formação de leitores que extrapola as fronteiras brasileiras, sendo uma questão mundial. Há que ressaltar que essa problemática se dilata à medida que os avanços tecnológicos se aprimoram, uma vez que para um público leitor em formação a atração pelo visual imediato proporcionado pelas diversas mídias é fator preponderante.

Andando na contramão do exposto acima está a literatura fantástica, que mesmo sendo considerada literatura secundária pela tradição crítica literária, é extremamente envolvente.

George Martin é um autor norte-americano cuja obra *As crônicas de gelo e fogo* de cinco volumes já escritos, com previsão de sete no total, caiu no gosto dos leitores, inclusive do público adolescente, reafirmando que o ser humano se identifica com enredos exploradores da fantasia.

*As crônicas de gelo e fogo* é uma obra extensa com excelentes possibilidades de leituras ora perpassando os elementos que caracterizam o fantástico propriamente dito como dragões, videntes, mortos que caminham, feitiçaria, ora provocando reflexões políticas, sociais e psicológicas contempladas no enredo. É uma obra ainda pouco estudada no meio acadêmico, o que instiga novos pesquisadores a adentrarem nesse mundo fantástico criado por Martin. Ademais, a propagação dos resultados em contextos de

divulgação como Seminários de leitura e Congressos, por exemplo, é decisivo para atrair novos leitores.

Partindo desse princípio, o projeto aqui citado busca mapear elementos fantásticos de *As Crônicas de Gelo e Fogo* e expô-los para leitores em potencial, além de trazer mais material teórico sobre a série para o meio acadêmico.

### MATERIAL E MÉTODOS

A proposta do presente projeto de pesquisa científica em *As crônicas de gelo e fogo* de George Martin se concentra na investigação dos principais elementos fantásticos nos dois primeiros volumes da obra: *A guerra dos tronos* e *A fúria dos reis*.

A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica. A estruturação da pesquisa se deu inicialmente com a leitura de textos de crítica literária, perpassando autores relevantes na teorização do fantástico como Begma Tavares Barbosa (2010), Rosana Rios (2014) e Tzvetan Todorov (1987). Em seguida, mediante estudo dos símbolos, foram identificados os principais elementos fantásticos e sua importância para a narrativa.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

*A guerra dos tronos* é o primeiro volume de *As crônicas de gelo e fogo* de George Martin.

## EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS COM SAGAS FANTÁSTICAS: AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO E A CRIAÇÃO DE UM NOVO UNIVERSO

*Fabiane Verardi Burlamaque, Pedro Afonso Barth*

### Resumo

Sagas fantásticas são narrativas seriais que mobilizam diferentes gêneros e linguagens na sua constituição. A saga As crônicas de gelo e fogo é um exemplo de como tais histórias fazem sucesso. Nesse artigo consideramos sagas como exemplos de experiências literárias, pois desafiam seus leitores a desvendar um mundo ficcional e a descobrir as suas regras. O objetivo geral deste trabalho é caracterizar As crônicas de Gelo e fogo como uma saga fantástica, identificando os elementos do seu paracosmos e as estruturas míticas reconhecíveis e descrever a experiência literária de seus leitores.

### Palavras-chave

Sagas fantásticas. Formação de leitores. Experiências de leitura. Crônicas de Gelo e Fogo. George R. R. Martin.

### Texto completo:

[PDF](#)

## O INCESTO E O SOFRIMENTO: LIMITES ENTRE A PERVERSÃO E A PERMISSIVIDADE A PARTIR DA OBRA A GUERRA DOS TRONOS – AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO

Widigiane Pereira dos Santos Fernandes; Hermano de França Rodrigues

Universidade Federal da Paraíba, widigiane.fernandes@gmail.com; hermanorg@gmail.com

**Resumo:** Entender a literatura pela psicanálise é interpretar e analisar pelas estruturas freudianas, em um fecundo campo das hipóteses, com a finalidade de provocar o intelecto e abrir margens para novas concepções, portanto, esses diálogos são necessários para a compreensão do homem quanto sujeito<sup>1</sup> e objeto de conhecimento e análise, essa interlocução se realiza pelos princípios psicanalíticos. Estabelecer a psicanálise em relação à literatura reitera o olhar do exercício da linguagem, devido aos diversos recursos que a mesma lança nas interpretações das obras, analisando cada perspectiva da narrativa, portanto, desfruta da relação que Freud estabelece entre ambas, dando-nos, alicerce para que possamos ir além das descobertas do inconsciente e das relações humanas. A investigação inicia-se neste momento em contrapartida a obra *A Guerra dos Tronos – As Crônicas de Gelo e Fogo*, do escritor americano George R. R. Martin, publicado em 1996. É indispensável uma análise literária da obra para situarmos os elementos a serem analisados na fundamentação psicanalítica já que a mesma poderá dá respostas quanto à problematização da ideia entre incesto, sofrimento na leitura deste enredo. A psicanálise é essencial na releitura desta literatura considerada do gênero fantástico<sup>2</sup>/maravilhoso<sup>3</sup>, devido à estrutura que se apropria dos símbolos e signos peculiares a idades históricas onde a relevância dos elementos constitutivos nos revelará os porquês desta estrutura literária, uma vez que ao transitar por estas duas perspectivas enriquecemos ainda mais a narrativa.

**Palavras-chave:** Literatura, Psicanálise, Incesto, Sofrimento.

### Introdução

Trata-se de uma pesquisa que especula a respeito da estrutura psíquica do ser humano no que tange o inconsciente trabalhado por Freud, portanto, propor um discurso na direção da questão do sofrimento e dos elementos constitutivos da obra, dá subsídios para o entendimento na cultura ocidental do que é este sentimento, vinculado erroneamente apenas ao sintoma da dor física, a dor exposta em aflição, de modo algum, ao sofre psíquico que o indivíduo irá ou não carregar durante os atos que prática.

De acordo com Freud ( 1930 - 1936, p. 21):

<sup>1</sup> Termo corrente em psicologia, filosofia e lógica. É empregado para designar ora um indivíduo, como alguém que é simultaneamente observador dos outros e observado por eles, ora uma instância com a qual é relacionado um predicado ou um atributo.

<sup>2</sup> A expressão “literatura fantástica” se refere a uma variedade da literatura ou, como se diz normalmente, a um gênero literário.

<sup>3</sup> *Le miroir du merveilleux* de Pierre Mabille, uma frase que define com precisão o sentido do maravilhoso: “Mais à frente da pulverização, da curiosidade, de todas as emoções que brindam os relatos, os contos e as lendas, além da necessidade de distrair-se, de esquecer, de procurar-se sensações agradáveis e aterradoras, a finalidade real da viagem maravilhosa é, e já estamos em condições de compreendê-lo, a exploração mais total da realidade: universal” (pág. 24).

Fonte:

[https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO\\_EV073\\_MD1\\_SA7\\_ID3\\_161\\_02017235131.pdf](https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV073_MD1_SA7_ID3_161_02017235131.pdf) Acesso em 11/11/2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**De Westeros para a Escola:**

A Idade Média e a recepção de As Crônicas de Gelo e Fogo e Game of Thrones por alunos de ensino médio

Arthur Maia Baby Gomes

Porto Alegre  
2017

Fonte: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/173752> Acesso em 11/11/2018.

## A REPRESENTAÇÃO DO IMAGINÁRIO MEDIEVAL NAS OBRAS DE EPIC FANTASY: O CASO DE AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO

*Renan Cardoso Pinho da Silva*

### Resumo

Atualmente temos uma extensa produção literária capaz de nos transportar de nossa realidade, muitas vezes entediante, para mundos de épicas aventuras. O elemento maravilhoso, uma vez absorvido pela literatura medieval e posteriormente presença constante em diversas manifestações culturais, se faz também cada vez mais presente em inúmeras produções contemporâneas. Assim, a produtiva mescla entre arte e fantasia tem, paulatinamente, influenciado a nossa percepção da História, criando um imaginário contemporâneo ocidental sobre a Idade Média, muitas vezes conflitante com os fatos históricos do medievo. Neste trabalho, observamos como o maravilhoso se reflete para nós através de um gênero literário em especial, a *epic fantasy*, e dessa forma podemos estudar suas similaridades e suas diferenças para com a literatura medieval e os dados históricos, recolhidos de obras de importantes historiadores, a fim de compreendermos como é formado esse imaginário sobre o medievo, hoje largamente difundido. Sendo um trabalho comparativo, a metodologia proposta aqui consiste em partir da reapropriação de elementos medievais na série de romances de George R. R. Martin, *As Crônicas de Gelo e Fogo*, e analisá-la tendo em vista parâmetros literários, estruturais, estéticos e históricos. Com base nas análises feitas, os resultados obtidos estabelecem um forte vínculo do imaginário popular sobre o medievo com o poder criativo das utopias através da literatura.

Texto completo:

Fonte: <https://revistas.ufjf.br/index.php/ca/article/view/11522> Acesso em 11/11/2018.



## Desvendando relações entre a biblioteca e a sala de aula: da série Games of Thrones para o livro

*Rosângela Silva de Carvalho, Antonise Coelho de Aquino, Ana Rita  
Leandro dos Santos, Marília Gabriela Rangel de Araújo*

### Resumo

O trabalho discorre sobre as dificuldades apresentadas no âmbito escolar relacionadas à leitura e escrita pelos estudantes na realidade brasileira. As bibliotecas e professores, em parceria, podem contribuir para articular eventos de cunho cultural além de mediar o incentivo e motivação pelas variadas formas de leitura, que surgem em decorrência das mudanças dos suportes do texto escrito. Relata a experiência da biblioteca em conjunto com professores na organização de eventos artísticos e culturais como forma de incentivo à leitura para toda comunidade acadêmica.

### Palavras-chave

Incentivo à leitura. Biblioteca. Eventos culturais.